

Escola e metamorfoses: uma leitura antropológica da literatura de Édouard Louis

School and metamorphoses: an anthropological reading of Édouard Louis' literature

Rodrigo Rosistolato ¹

Tânia Dauster ²

Palavras-Chave:

Política;
Metamorfose;
Educação;
Aprendizagem;
Desigualdades.

Resumo: O artigo é fruto de reflexões socioantropológicas relacionadas à obra de auto-ficção publicada por Édouard Louis. O escritor francês, nascido nas camadas subalternizadas da França contemporânea, converte a sua trajetória entre a infância, a adolescência e a idade adulta em manifesto político. A sua literatura é um mergulho de reconstrução identitária que envolve trânsitos espaciais, associados a mudanças simbólicas construídas com a intencionalidade central de tornar-se outro, fruto de identificações positivas com o estilo de classe que ele associa ao que classifica como “burguesia francesa”. As metamorfoses vivenciadas pelo autor mesclam escolhas racionais e contingências sociais, atravessadas permanentemente por questões educacionais, aprendizagens e pelas desigualdades estruturais presentes no contexto

Recebido em 19/05/2025 e aceito em 22/06/2025.

1 Antropólogo especializado em temas educacionais. Doutor em Ciências Humanas (antropologia), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE e do Departamento de Fundamentos da Educação, da Faculdade de Educação da UFRJ. Bolsista em produtividade de pesquisa pelo CNPq e Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ. Integra a equipe do LaPOpE. Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais. Associado efetivo da ABA - Associação Brasileira de Antropologia, da SBS - Sociedade Brasileira de Sociologia e da REIPPE - Rede de Estudos sobre Implementação de Políticas Públicas Educacionais. Membro do Grupo de Trabalho Ensino de Antropologia e a formação de antropólogos e antropólogas da Asociación Latinoamericana de Antropología. Membro do Ceape - Centro de Antropologia de Processos Educativos, localizado na UNICAMP. <https://orcid.org/0000-0002-4025-0632>

2 Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional. Realizou Pós-Doutorado no Museu Nacional (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social). Professora Emérita da PUC-Rio. Atualmente Pesquisadora da Rede Argonautas. <https://orcid.org/0000-0001-7365-4265>

francês. Demonstraremos uma teia intrincada, presente em sua literatura, que articula abordagens, em certa medida, conceituais, oriundas da formação em ciências humanas do autor, com recortes do passado, construídos enquanto memória. Os livros analisados, em conjunto ou individualmente, revelam os detalhes de um projeto que se constrói em duas vias. Por um lado, no sentido da própria transformação e, por outro, da construção narrativa – literária – das metamorfoses como estratégia de consolidação de um lugar no campo literário, inicialmente francês e depois mundial. Há um conjunto de intencionalidades manifestas nos livros, que revelam as estratégias de um intelectual que realizou uma leitura dos campos acadêmico e literário e estabeleceu relações com outras personalidades já reconhecidas em ambos os cenários. Nestas redes, ele organizou ações em modo prospectivo de forma a inserir-se academicamente e no mercado literário e obteve sucesso. Salientamos que compreendemos sucesso em acordo com perspectiva do próprio autor, explicitada nos livros.

Keywords:

*Politics;
Metamorphosis;
Education;
Learning;
Inequalities.*

Abstract: This article is the result of socio-anthropological reflections related to the autofiction work published by Édouard Louis. The French writer, born in the lower classes of contemporary France, turns his trajectory between childhood, adolescence and adulthood into a political manifesto. His literature focuses on identity reconstruction that involves spatial transits, associated with symbolic changes both constructed with the central intention of becoming someone else, the result of positive identifications with the class style that he associates with what he classifies as the “French bourgeoisie”. The metamorphoses experienced by the author mix rational choices and social contingencies, permanently crossed by educational issues, learning and the structural inequalities present in the French context. We will demonstrate an intricate scenario, present in his literature, that articulates approaches, to a certain extent, conceptual, originating from the author’s training in human sciences, with clippings from the past, constructed as memory. The books analyzed, together or individually, reveal the details of a project that is built in two ways. On the one hand, in the sense of transformation itself and, on the other, in the narrative – literary – construction of metamorphoses as a strategy for consolidating a place in the literary field, initially French and later worldwide. There is a set of intentions manifested in the books, which reveal the strategies of an intellectual who carried out a understood the academic and literary fields and established relationships with other personalities already recognized in both scenarios. In these networks, he organized actions in a prospective manner to insert himself academically and in the literary market and was successful. We emphasize that we understand success in accordance with the author’s own perspective, which is made explicit in the books.

INTRODUÇÃO

Édouard Louis³ é um caso instigante, limite, para pensar as problemáticas da política, da educação e das metamorfoses no nosso século. Nascido Eddy Bellegueule, em 30 de outubro de 1992, numa cidade do interior, Hallencourt, na região da Picardie, no norte da França, próxima de Paris, ele se recriou, adotou outro nome pelo qual hoje em dia é reconhecido. Inventando-se em um processo agudo e arriscado de “metamorfose” (Louis, 2023: 90; Velho, 2003:08), tanto física quanto social; praticou mimetismos a partir de relações encetadas com colegas de escola e amizades femininas e masculinas. “Metamorfose” é um termo frequentemente aludido por E.L. em suas obras para dar significado ao destino que ele forjou para si próprio. Além disso, como parceiro de sua mãe, que favoreceu as suas escolhas em concomitância à sua libertação como mulher, cada qual na dimensão de uma construção histórica, social, na própria “luta” de resistência e recusa de submissão ao que ele classifica, a posteriori, como forças opressoras por eles experimentadas.

Contudo, o termo “metamorfose” tem raízes na cultura ocidental que devem ser revisitadas, pois nos ajudam a pensar mais densamente o autor e personagem E.L., apesar de exigir cuidado no seu uso e reconhecendo que ele usa essa palavra simplesmente para se referir às sucessivas mudanças de sua vida, construídas por ele mesmo e que não podem ser naturalizadas. Metamorfose, nos livros de E.L. aparece como o próprio sentido da mudança, toda pautada por intencionalidades diversas relacionadas ao vir a ser desejado pelo próprio autor desde os primeiros momentos nos quais identificou a sua inadequação ao seu contexto de origem e ao seu destino social.

Nessas tessituras culturais das sociedades complexas, um dos alertas de Velho (2003:29) aponta para a distribuição desigual das possibilidades de transformação, não lineares, para a construção social e simbólica da realidade que não anula as instâncias socializadoras básicas entre as quais podem ser apontadas a família e outros espaços de sociabilidade, seja o local de nascimento ou a escola ou a igreja, por exemplo, contendo valores, estéticas e costumes diferenciados.

Velho (2003:08) reflete sobre a dramaticidade que essa noção encerra. Ao citar “As metamorfoses”, indica que “Ovídio narra histórias onde homens, mulheres, deuses, animais, plantas, minerais, rios, lagos, estrelas etc. mudam de sexo, gênero, natureza, espécie, forma, contudo guardando algum sinal do estado anterior”. E.L. não emprega esse termo como conceito, mas usa tanto a palavra metamorfose como o termo transformação, ecoando transformações, aludindo às sucessivas passagens, de estado ou de condição; dramas inventados por ele mesmo, que o distanciam das suas origens

3 De agora em diante, E.L.

sociais de classe subalternizada, mas que não as apagam completamente. Até porque suas obras são um “pretexto” para a construção de um relato com tom de manifesto político gerador de “vingança” dos males e da miséria tanto de seu pai quanto de sua mãe, e dele próprio. A epígrafe de seu livro intitulado “Mudar: método”, fundamenta nossa leitura. Ele afirma: “Eu não sou nada além de um pretexto”, citando Jean Genet, Diário de um ladrão. Mas, vale a pena aprofundarmos a noção de metamorfose. Na obra de Louis sobretudo no livro “Monique se liberta” (2024: 77), “metamorfose” se enlaça a outras ideias, numa “teia de significados” (Geertz, 1973, p.15), conjugadas simbolicamente a outras tais como mudança, transformação, reinvenção, emancipação, liberdade, fuga, configurando uma “antropologia da fuga”. É possível interpretar as reiteradas metamorfoses do autor como parte e símbolo do *ethos* do projeto individualista de E.L. no “campo de possibilidades de uma sociedade complexa” (Velho, Ibid, p.31), no que diz respeito à sucessivas intervenções e procedimentos no corpo humano.

Por outro lado, expressa sentimentos (Mauss, 1974, p. 153) traduzidos em rituais e técnicas corporais (Mauss, 1974, p.21). Trabalharemos com 3 livros escritos por E.L, dois deles sobre a história do seu pai e de sua mãe - “Quem matou meu pai” (2023) e Lutas e Metamorfoses de uma mulher (2023). E o terceiro sobre a sua própria história: “Mudar: Método” (2024). É importante salientar que E.L. é onipresente nos três livros. Mesmo naqueles dedicados aos seus pais, ele é um personagem central posto que conta a história de ambos com vistas a apresentar as motivações e as ações práticas relacionadas à sua própria metamorfose.

Argumentamos sobre a pertinência de interpretar os livros de E.L. buscando seu ponto de vista nos seus próprios termos, tanto como escritor quanto sincronicamente como figura humana criando uma obra de ficção ou autoficção, um romance, uma escrita de si. Assim sendo, podemos olhar o seu caminho além das categorias sociais e lutas de classe, interpretando a sua escapada metódica como fuga à cultura do proletariado e como uma “teia de significados” (Geertz, 1973, p.15). Essa visão, sem dúvida, inclui a reverberação de ondas de violência que percorrem os tecidos políticos, sociais e simbólicos em distintas manifestações e que são alvo das suas intenções como escritor.

É importante salientar que analisamos os escritos de E.L. considerando-os como “invenções” no sentido proposto por Wagner (2010). Os três livros aqui discutidos são fruto das tentativas do autor de romper definitivamente com as suas origens sociais. Em determinado momento em sua trajetória, especialmente quando conhece Didier Eribon e sua obra, E.L. decide que precisa escrever, contar também a sua história, literalmente imitar aquele autor com o qual sente um tipo de empatia imediata por conta das origens de classe e de questões relacionadas à sexualidade e experiências acadêmicas.

E. L. neste contexto, realiza intencionalmente o que Mauss (1974) chamava de “imitação prestigiosa”. O foco de Mauss, ao analisar o fenômeno da “imitação prestigiosa”, era o aprendizado das técnicas corporais e das suas variações entre as culturas. Ele afirmava que a imitação não envolvia, necessariamente, intencionalidades individuais, mas sim coletivas. As pessoas, no decorrer dos seus processos de socialização, imitam umas às outras e tal fenômeno tinha relação direta com o prestígio e a construção das performances corporais que representavam uma determinada cultura. No caso específico de E. L. pode-se afirmar que num primeiro momento ele aprendeu todas as técnicas corporais associadas à sua classe de origem. Já no segundo cenário, identificou a subalternidade das técnicas aprendidas, passou a negá-las e a buscar, intencionalmente, outras, que ele considerava representativas do que ele desejava ser. O processo começa com Elena, com quem vive seu primeiro amor, e sua família; e segue com Didier Eribon e outros. A “imitação prestigiosa” a Eribon envolve a necessidade de produzir um livro, escrever, de forma a tornar-se ele, ou algo equivalente a ele.

E. L. não é, portanto, um analista da sua trajetória de mudança. Trata-se de alguém que desejou a mudança, a construiu, a viveu e nos conta, a posteriori, como ocorreu todo o processo. O Livro “Mudar: método” é todo dedicado ao relato detalhado deste processo, construído como uma odisséia na qual o autor é o personagem principal. Afirmamos que se trata de uma invenção, no sentido proposto por Wagner (2010), exatamente porque não é possível classificar Louis como um observador participante da sua própria trajetória. Há, neste cenário, um processo complexo que envolve memória e esquecimento, atravessado por escolhas diversas e por aquilo que a própria mentalidade de E. L. classificou como digno e indigno de ser lembrado. Aqui, também recorremos a Pollak (1989), que destaca as relações entre memória, esquecimento e silêncio na construção de narrativas. No caso de E. L. temos ainda um complicador. Ele é o narrador, o personagem e o autor de toda a história. Com isso, torna-se impossível pensar em uma relação entre a memória individual e a memória coletiva, posto que não há coletivo na narrativa para além das inserções que o próprio E. L. realiza no texto. Personagens como o seu pai, sua mãe, Elena e sua família, Didier Eribon, os amigos feitos durante o processo, os homens com os quais ele se relacionou por prazer e/ou dinheiro não têm, nenhum deles, nenhuma voz além daquela inventada pelo autor. A Odisséia em texto de E. L., portanto, é, assim como a sua estética e as suas técnicas corporais, plenamente inventada.

No âmbito de sua invenção, E. L. nos permite, na perspectiva da obra de Bourdieu, entender práticas, representações, sistemas classificatórios e de distinção, valores que distinguem os grupos sociais e produzem poder e desigualdades. Quais os recursos simbólicos que conferem distinção, legitimidade ou marginalização. É inte-

ressante observar que toda a obra de Bourdieu guardava uma crítica às configurações da estrutura social na França. Ela identificava as desigualdades, as analisava, as criticava e dialogava, inclusive, com os movimentos sociais. E. L., ao contrário, sente as desigualdades em um primeiro momento, quando ainda era criança. Mais tarde, já adolescente e, principalmente, graças à escola, começa a compreendê-las, mas não adquire, com isso, nenhum desejo de mudá-las. Ele não está interessado em mudar a sociedade. Quer se reconstruir, incorporar os hábitos de outra classe e passar a viver nela. Ele identifica progressivamente as performances culturais necessárias, assim como o jogo ético e estético presente no que ele classifica como “burguesia francesa” e dá sequência ao seu projeto de tornar-se um burguês, sem grandes dilemas com os abandonos necessários relacionados ao seu lugar de origem. Entretanto, suas narrativas no que tangenciam os sofrimentos e modos de vida da classe operária têm um papel de denúncia do sistema social e de seus governantes e nesse sentido também são manifestos e atos políticos. Tencionando os argumentos que temos discutido, poderiam ser considerados, portanto, atos de resistência e símbolos políticos na luta contra a violência e desigualdade do sistema e por essa razão atraírem tantos leitores. Uma outra hipótese em relação às aprendizagens dos modos de vida e expressões de sentimentos classificados como burgueses por E.L. seria a sua visão das distinções de classe construídas pela burguesia enquanto exploração e espoliação das classes subalternas. Portanto, assim sendo, ele espoliaria de volta usando os mesmos instrumentos e técnicas socialmente reconhecidas como de prestígio e distinção. Tais como o gosto pelo teatro, concertos, museus, restaurantes que compõem o estilo das classes privilegiadas.

Há, desta forma, um paradoxo inerente às questões trazidas pela leitura dos livros de Louis. Ao mesmo tempo em que se trata de uma literatura que narra a construção individualista de alguém que desejou negar as suas origens de classe e viver, mesmo que no plano da imitação, na burguesia francesa, tem-se nos textos uma crítica direta às condições originais de classe, que lhe trouxeram intenso sofrimento subjetivo causado pela inadequação. E. L., enquanto personagem da sua própria literatura, aparece como um ser humano sufocado por uma cultura que o repele, principalmente pelo fato de ele ser um menino diferente dos outros meninos. Ele se percebia e era percebido como diferente, embora não tivesse ainda, na infância e pré-adolescência, elaborado seus desejos e entendido a sua homossexualidade. As tensões referentes a esta forma de estar no mundo sem reconhecer-se como um igual aparecem de forma massiva no livro sobre o seu pai. A tônica do livro é a morte do pai, lenta e dolorosa; causada pelas condições de classe que experimentou e pelas impossibilidades trazidas pelo seu circuito de sociabilidade. Toda a narrativa de E.L. nos conduz ao sentimento de que o

pai começou a morrer assim que chegou à vida adulta. O casamento, os filhos, a luta constante pela garantia de condições mínimas de existência, a exploração máxima do seu corpo que o leva ao acidente que o impediu de trabalhar. Depois, as humilhações recorrentes no sistema de proteção social da França, novamente a exploração máxima de um corpo já adoecido para manter a sobrevivência e finalmente a morte. Há um processo constante, no texto, de defesa e ataque ao pai. O pai é construído narrativamente como fruto das diversas opressões presentes no sistema capitalista e nas dinâmicas de classe. Logo, há uma denúncia explícita destes cenários. Ao mesmo tempo, o pai era alguém que violentava todos os membros da família, imprimindo várias formas de violência cotidiana, em especial ao próprio E.L., que entende uma parte substantiva desta violência como fruto da ojeriza causada simplesmente pelo fato de ele - Louis - não corresponder às expectativas do pai sobre o que é um menino ideal. Seus livros, portanto, trazem complexidades inerentes ao ato de contar uma história na qual o autor é o próprio personagem e ele constrói os personagens que interagem consigo durante toda a trama literária. Junto disso aparece a formação acadêmica de E.L no campo das ciências humanas que, em certa medida, subsidia os argumentos trazidos por ele ao contar a sua própria história, ao mesmo tempo em que contribui com um enredo convincente sobre a metamorfose que o autor pretende apresentar.

OS LIVROS DE ÉDOUARD LOUIS COMO ESTRATÉGIAS DE APRESENTAÇÃO DAS SUAS METAMORFOSES NO MUNDO

Em especial, no livro “Mudar: Método” (2024), há dois prólogos, uma dedicatória e uma epígrafe da obra de Jean Genet, “Eu não sou nada além de um pretexto”, um enigma para o leitor, narrativas em primeira ou terceira pessoa direcionadas ao próprio pai, uma carta ao pai, à mãe e ao mundo, que pode ser mais ou menos ácida ao demonstrar a rejeição ao mundo de sua infância e uma forma de vingança à violência cotidiana e aos rituais crus do dia a dia vividos em contraste com os rituais burgueses que veio a conhecer. O livro é também uma carta de despedida a Elena, seu primeiro amor e quem foi cúmplice nos primórdios da sua reinvenção. Contém ainda fotos que revelam momentos, nas suas palavras, da sua própria metamorfose (Velho, 2003), da sua radical e metódica transformação física, cultural e social.

E. L aborda a literatura que produz como uma forma de registrar sua transformação deliberada e como ao falar de si mesmo faz uso de uma arma política que permite ou autoriza outros a se assumirem na primeira pessoa, como, “eu”, como um “eu” que se expressa e se opõe ao coletivo ao mesmo tempo social e político. Família, escola, cidade são laboratórios sociológicos que permitem a observação de modos de viver, sentir, pensar, expressar linguagens verbais e gestuais, os tons e climas ambientais,

estéticas diferenciais entre classes, rituais de alimentação e higiene que distinguem as relações entre as classes sociais, mas todos perpassados por ondas de violência que circulam do polo das elites para as camadas pobres e operárias.

O autor constitui a si próprio como “objeto” de investigação e faz livre uso das suas memórias para constituir um cabedal empírico que supostamente lhe permite falar da sociedade francesa, quiçá mundial, ao mesmo tempo em que expõe todos os processos de construção de si que o permitiram “fugir” de identidades marcadas pela lógica das camadas trabalhadoras e constituir-se como uma espécie de trânsfuga pequeno burguês em Paris.

Acompanhar seus escritos em “quem matou meu pai” permite um trajeto pelas interações entre um filho que negava solenemente o destino social para ele traçado, assim como as performances associadas à cada posição social destinada a meninos pobres na França; e um pai que, atravessado pela vida e por suas condições de classe não fazia nada mais do que sobreviver em meio a um ambiente hostil.

Nestas interações, chama atenção um conjunto de aspectos ligados à virilidade como valor na construção das masculinidades, especialmente nas camadas populares. Não ser grosseiro, não brigar, não gritar, não torturar física ou psicologicamente as mulheres, não dominar outros homens são atributos que colocam a masculinidade de qualquer um em xeque. E.L, ainda menino, se passasse por um check-list, receberia marcações em todos estes pontos, enquanto seu pai não seria pontuado em nenhum deles. Como então resolver uma situação na qual um dos homens, o mais velho, pontua em todos os itens da masculinidade tradicional, enquanto o outro – mais novo – não pontua em nenhum deles?

O que E.L nos relata é que tamanha oposição determinava a experimentação de situações limite praticamente na totalidade das interações desenvolvidas no seio familiar. Elas não se davam apenas com o seu pai. Também ocorriam com a sua mãe, seu irmão, com os amigos dos seus pais e com os seus próprios amigos. Quando criança, E.L. percebia-se progressivamente como um menino diferente, tanto do seu pai e do seu irmão quanto de todos os outros meninos. Não havia, ainda, consciência da homossexualidade. Ele virá a elaborar a sua homossexualidade já adulto, em Paris. E no ápice do seu entendimento como homem homossexual, em certa medida ele relê todo o seu passado e reclassifica boa parte das violências sofridas por deduzir que os outros - seus pais, os amigos dos seus pais e os seus próprios amigos - já o percebiam como um homossexual em potencial. Algo que produzia várias formas violentas de repulsa, associadas a frequentes tentativas de “convertê-lo” à uma masculinidade heterossexual hegemônica.

O pai é descrito majoritariamente na negativa, como exemplo máximo daquilo que

ele não queria ser, enquanto a mãe aparece como uma figura nebulosa, que protege o filho em determinados momentos, mas que em outros o deixa largado à própria sorte. Ambos - pai e mãe - são descritos como vítimas das condições sociais às quais foram expostos desde a mais tenra infância, o que inclui as desigualdades econômicas e as de gênero. Ao mesmo tempo, tornam-se algozes quando impõem ao filho o mesmo destino que lhes fora outrora imposto.

Porém, uma das cenas descritas contradiz a narrativa sobre o pai. E.L. narra uma cena do seu cotidiano familiar. A família recebera alguns amigos e os filhos destes amigos. Ele decide dançar com outras crianças. Ele pensa na coreografia, ensaia e aparece como o líder daquela banda improvisada, cantando e dançando. Enquanto as outras famílias se divertem, o pai mantém-se incólume. E. L., faz de tudo para chamar a atenção do pai. Estava dançando para o pai, que se levanta e vai para o quintal fumar. Por um lado, trata-se de uma narrativa de frustração, criada pela ausência de acolhida por parte do pai. Por outro, mais tarde, quando ele pede desculpas ao pai por ter dançado, este mesmo pai o acolhe e diz que estava tudo bem e não havia nenhum problema.

Há dubiedades inerentes à narrativa destas interações e todas elas colocam uma pulga atrás da orelha dos leitores mais atentos. Quem fala, exclusivamente, é E. L. A voz do pai, assim como da mãe e do irmão, só aparece pela pena do próprio Louis, que faz as escolhas que bem entende ao construir a sua própria trajetória e, em certa medida, tentar produzir linearidades relacionadas ao ato de tornar-se Edouard Louis. A sua forma de existir no presente fora condicionada pelas experiências do passado, experiências estas que ele próprio reconstrói e, ao que parece, sem grandes preocupações com a possibilidade de incorrer na “ilusão biográfica” (Bourdieu, 2006).

A análise dos três livros que servem de base às nossas reflexões revela um conjunto de estratégias do autor que decide contar ao mundo a sua história, mais especificamente a história da sua metamorfose. A sua família - pai, mãe e irmão - configuram-se como personagens complexos porque ao mesmo tempo em que revelam minúcias das opressões vivenciadas pelas classes trabalhadoras na França, compõem os argumentos que E.L. utiliza para justificar a sua metamorfose, que envolve, inclusive, o abandono progressivo e absoluto da família. Os três personagens não têm voz, para além daquela que fora oferecida pelas palavras de E. L. Ele oscila, conforme estamos pontuando, entre momentos de empatia com a família, nos quais apresenta as suas ações como fruto de opressões sociais; e outros nos quais os ataca diretamente, colocando-os como os principais culpados pelo sofrimento que ele próprio vivenciou na infância. O enredo - em especial nos livros sobre o pai e a mãe - apresenta cenários duros, tristes, violentos e conduz os leitores - ou nos conduziu - a um processo empático com E.L. que no primeiro momento foi lido por nós como alguém que passara toda a

infância sofrendo. Ao mesmo tempo, nos distanciamos completamente dos seus pais, devido à brutalidade com a qual ambos são construídos.

Em leitura mais atenta, no entanto, percebe-se que há, como em toda narrativa de memória, recortes específicos realizados - com ou sem intenção - para conduzir o leitor pelos argumentos apresentados pelo escritor ou por quem conta a história (Pollak, 1989). A vida de E.L e sua metamorfose são construídas narrativamente em oposição radical aos seus familiares e às pessoas da sua convivência durante a infância. Num primeiro momento, tem-se quase uma infância de terror absoluto. Mas algumas passagens, como a da dança, nos permitem relativizar e pensar em nuances dos processos de socialização vividos por E.L tanto em casa quanto na escola.

CONTRADIÇÕES NA VIDA ESCOLAR E UNIVERSITÁRIA

O sistema educacional não apenas reproduz as diferenças entre classes sociais, práticas e representações, como também comporta relações sociais, políticas e programas que ensejam transformações e mudanças em sujeitos nascidos nas classes operárias, na pobreza ou nas camadas populares (Rosistolato, 2015; Rosistolato et al, 2016; Rosistolato et al, 2023) A trajetória educacional de E. L. configura-se como um objeto por excelência para pensar as configurações possíveis da relação instituição/sujeito nos sistemas educacionais. E.L. descreve em detalhes o processo que permitiu que ele se construísse como escritor, ator e ou personagem à procura de si mesmo como um “transfuga de classe”. A sua narrativa permite uma leitura estruturada em, conforme as suas próprias palavras, uma antropologia da fuga. Há, inclusive, uma “ética da fuga” no sentido de esboçar seu “ethos”, suas maneiras de ser, seus valores, seus códigos de conduta e costumes, estilo de vida, aspectos afetivos, estéticos e resiliência. Os textos de E.L. operam com uma oposição central entre as camadas populares e o que ele classifica como “burguesia francesa”. Essa oposição radical prescinde de qualquer gradiente posto que o objetivo é demarcar o lugar social de origem do autor e o lugar motivo das expectativas de metamorfose. E.L. constrói a sua metamorfose apagando de si mesmo - em termos físicos, intelectuais e psicológicos - os elementos que compuseram a sua socialização inicial. A partir daí, no vazio do apagamento, ele inscreve novas marcas de classe, típicas da “burguesia francesa”, completamente estudadas, apreendidas e imitadas a caminho de tornar-se outro. É interessante observar que o apagamento não ocorre em termos definitivos. O E.L. menino convive diariamente com o E.L. adulto assombrando-o com a possibilidade de as suas “raízes” voltarem a aparecer e/ou virem a ser descobertas em seus novos circuitos de convivência. Esse assombramento permanece até que E.L., encerra a tensão por meio da literatura, jogando a sua história para o mundo. A partir daí, o E.L menino funde-se com o E.L. adulto e ele,

como autor, configura-se como o resultado da sua própria metamorfose.

E.L. além de sua autoclassificação como alguém “trânsfuga de classe” (Louis, 2024, p.12), pode ser classificado como uma pessoa “trânsfuga” de um espaço cultural. Trata-se de um indivíduo que recusa as práticas e representações, as disposições de seu grupo familiar assim como de sua vizinhança. Um “fugitivo”, portanto, da pobreza, do alcoolismo, da violência, da precariedade, da injustiça e de um destino que o levaria a repetir, como seus antecedentes, a vida proletária. O que nos sugerem as alusões à vingança recorrentemente expressas em suas narrativas em termos de práticas e representações. Vingança aparece como um termo multifacetado. É represália, retaliação, revide, reparação, desforra; ou simplesmente crescer, um ato de resistência, viver. É importante observar que toda a narrativa de E.L sobre as camadas populares elimina quaisquer aspectos positivos destes espaços de cultura. Nas suas argumentações, as desigualdades sociais e, em certa medida, a cultura das camadas populares foram responsáveis pelos desfechos de vida do seu pai, da sua mãe e de seu irmão, todos eles massacrados por uma cultura que não lhes oferecia quaisquer possibilidades de vida além da degeneração. Todo este cenário é construído com vistas a justificar a metamorfose de E. L. Ele não tinha, em sua visão, uma alternativa além de romper radicalmente com aquele espaço social e, conseqüentemente, com todas as pessoas que o habitavam.

A leitura de E.L. depende de um mergulho para além da discussão das categorias de classe decifrando as culturas em seus significados e jogos de distinção. Trata-se de uma discussão complexa posto que as condições objetivas de classe estavam postas, assim como toda a cultura da classe operária francesa, que aparecem descritas em perspectiva individual no decorrer não só do livro sobre o pai, mas em todos os aqui analisados. Em termos comparativos, é possível analisar Louis como um personagem, um menino nascido nas camadas populares e que se constrói subjetivamente em radical oposição a elas, contrastando-o com outros meninos, aqueles descritos por Willis (1977). São contextos diferentes - França e Inglaterra - e períodos diferentes. Willis escreve com base em uma pesquisa etnográfica realizada na década de 1970 e Louis publicou seu primeiro livro em 2014. Além disso, enquanto Willis é um antropólogo convivendo com meninos das classes trabalhadoras com o objetivo de compreender as suas perspectivas e visões de mundo relacionadas à escola e ao trabalho, Louis é um escritor que constrói uma literatura que tem como base principal a sua experiência de transformação como manifesto político. Feitas as ressalvas interpretativas, é interessante pensar que Louis, em um gradiente, está no extremo oposto dos meninos estudados por Willis. Enquanto os meninos ingleses idolatravam, referendavam e reproduziam toda a cultura da classe operária inglesa - inclusive negando a escola e

percebendo-a como um tipo de “moratória social” enquanto não adentravam o mundo do trabalho, Louis abominava toda a cultura na qual estava inserido, e a abominação seguiu num crescente conforme ele foi transitando da infância para a adolescência.

Há muitas diferenças radicais entre Louis e os meninos estudados por Willis (1977), dentre elas, as questões relacionadas à masculinidade. Enquanto os meninos referendam todas as características e ações de uma masculinidade tradicional: brigas, violência, objetificação das mulheres, negação da escola, entre outras; E. L., em um primeiro momento, se aproxima da escola, em especial dos espaços ligados à arte, como forma de sobrevivência em um ambiente que ele considerava hostil. No segundo momento, a escola, os espaços artísticos e a Universidade convertem-se em caminhos sólidos para a metamorfose que ele projetou para si e realizou. O próprio Willis (1977) nos ajuda a pensar neste processo, posto que sua tese sobre a cultura como mediadora entre indivíduos e estrutura social revela as minúcias das ações cotidianas de indivíduos que, mais ou menos aderentes às suas culturas de origem, agem de forma a mantê-la. O paradoxo de Willis (1977) sobre a negação da escola como resistência que, em certa medida, causa a reprodução social não se coloca para Louis posto que ele, ao contrário, não nega a escola; usa-a como uma das vias que virá a pavimentar a construção da sua nova persona. Enquanto os meninos estudados por Willis (1977) lutavam contra a escola para garantir que eles pudessem ser quem eles queriam ser, Louis faz exatamente o contrário. Ele luta com a escola para se construir em radical oposição ao que ele deveria ser, considerando o seu destino inicial de classe.

Ademais, é possível pensar sobre os significados do sistema de ensino, a escola, a universidade além de seus formatos curriculares: como um “campo de possibilidades” (Velho, 2003, p.31) e oportunidades nas sociedades complexas, compreendendo as tensões constitutivas da relação indivíduo e sociedade (Velho, 2003, p.7). Pensando nesta dinâmica a partir das teorias de Willis (1977) e da literatura de Louis, tem-se um cenário no qual os sistemas de ensino concorrem com as expectativas de socialização; constroem-se como espaços estruturados que visam enquadrar os indivíduos em determinadas formas de ser e estar no mundo, diretamente articuladas às dinâmicas das desigualdades mais ampliadas. Negá-los ou referenciá-los como instituições constituintes do self contribui para a construção de trajetórias socioeducacionais mais ou menos enquadradas às expectativas sociais instituintes dos próprios sistemas. Enquanto os jovens analisados por Willis (1977) estruturam-se individualmente com base na negação de tais sistemas. Louis, no plano dos jogos de interação (Goffman, 1974), utiliza-se dos elementos estruturantes do sistema e das redes de sociabilidade que eles conectam para consolidar a sua metamorfose.

TRAJETOS E CIRCUNSTÂNCIAS EDUCACIONAIS

No colégio de Cisnes, na sua própria cidade, entre as ofertas lúdicas oferecidas, reuniões de estudo e outras manifestações, E. L. encontrou no grupo de teatro instituído por uma professora uma saída como intérprete de papéis. Naquele espaço ele entendeu que havia papéis possíveis e que estes, quando vividos, em certa medida libertavam os sujeitos das suas personalidades e permitiam outras vidas, ainda que no curto espaço de uma peça de teatro. Gilberto Velho discutindo Goffman (2004) contribui com este entendimento ao identificar que a apresentação do Eu na vida cotidiana é realizada em acordo e diálogo com diversos cenários de interação. O Eu ganha nuances quando no palco ou nos bastidores e das interações desenvolvidas. E. L. não tinha lido Goffman quando teve seu primeiro contato com o teatro, mas foi naquele cenário de interação que ele percebeu que poderia ser outro. Se a metamorfose funcionava no curto tempo de uma peça de teatro, por que não funcionaria para uma vida inteira?

Tem-se aqui uma reflexão importante sobre a relação de E. L. com os sistemas educacionais. Ele não foi, na sua própria classificação, um bom aluno. Ao contrário.

Não lia absolutamente nada, ignorava boa parte das aulas, deslocava-se subjetivamente dos cenários de aprendizagem intencionalmente porque não os legitimava. E. L. explica a sua própria relação com a escola como reflexo da casa na qual vivia. Ao mesmo tempo, ele encontrou fora da sala de aula o acolhimento que precisava para iniciar o processo de elaboração de si e de metamorfose. Há uma contradição narrativa interessante nos livros porque ao mesmo tempo que ele se apresentava como um aluno ruim, ele recebeu a indicação de outra escola, melhor do que a que ele estudava, feita pela própria diretora da escola que identificava nele uma série de potencialidades que aquela escola não poderia desenvolver. A narrativa nos conduz a crer que a diretora percebeu o potencial artístico de E.L e o incentivou a enveredar pelas trilhas da arte, mesmo em desacordo com o seu destino social.

A diretora lhe indicou uma outra escola em Amiens, 30 quilômetros distante de sua casa, que oferecia além da educação em ensino médio, uma formação em artes. Assim, Louis tornou-se o primeiro da família e um dos poucos da sua pequena cidade a concretizar o ensino médio e, posteriormente, a cursar uma Universidade; caminhando posteriormente para a prestigiada, não só na França como internacionalmente, École Normale Supérieure de Paris. Escalas de trajeto com marcantes significados que aceleraram o distanciamento melancólico e conturbado com sua família, assim como o estranhamento dos seus códigos e rituais de classe. A ida para escola em Amiens consolida-se como um rompimento radical. Ele afirma:

Os primeiros dias no colégio foram os primeiros dias da minha vida que passei longe de você [do pai]. Tento me lembrar. Lá entendi que existiam formas de distân-

cia muito mais profundas e muito mais complexas do que a distância geográfica. Sei agora, se eu tivesse acrescentado milhares de quilômetros entre nossos corpos, indo morar numa cidade do outro lado do mundo, em outro continente, não teria me distanciado tanto de você quanto ao atravessar as portas daquele colégio a pouco mais de trinta quilômetro do lugar onde você nasceu (Louis, 2021: 33).

Na nova escola, E. L. encontrou-se com outra cultura escolar. Lá, os alunos estudavam. O ato de ir às aulas, ler, fazer os exercícios era tão natural para aqueles alunos quanto não era para ele. Além disso, as mazelas que ele trazia incorporadas, causadas pela pobreza, nunca tinham sido experimentadas por seus novos colegas. Estes novos encontros causaram diversos choques, mas não proporcionaram processos de evitação. E.L. não negou ou evitou os elementos culturais portados pelos seus colegas. Ao contrário, passou a desejá-los ao ponto de buscar apagar completamente as suas marcas sociais de origem.

Na escola em Amiens, ele viveu, além das novas experiências escolares, um amor juvenil despido de desejo, mas cheio de cumplicidade, com Elena, que lhe abriu códigos e outras maneiras e modos de vida, articulando ligações que vão se desdobrar em outras oportunidades e encontros na densidade da vida urbana (Velho, 2003:16) e se desenvolver sucessivamente em redes, num cenário de manifestações artísticas e culturais. Nos bastidores e interações simbólicas, uma carreira começa a ser gestada junto da metamorfose desejada. Louis identifica os novos códigos, utilizados por Elena e sua família, e os imita, justificando a imitação por duas frentes. Por um lado, ele quer sobreviver naquele espaço e ser querido, de forma que aceita até mesmo ser rebatizado pela mãe de Elena. É ela que passa a chamá-lo de Édouard e não mais de Eddy. A mudança de nome é central em sua metamorfose ao ponto de mais tarde ele adotar legalmente o nome Édouard. Eddy fora um nome pensado por seu pai que, inspirado em filmes americanos e séries de TV batizou o recém-nascido com o nome que era sempre dos vilões e bandidos. Um nome de “cara durão”, que revelava as expectativas paternas com relação ao rebento. O nome, assim como todo o resto da socialização primária experimentada por E. L. estavam em total dissonância com a metamorfose que ele pretendia realizar.

E. L. demonstra algum grau de distanciamento com relação aos códigos culturais de ambos os espaços sociais. Ele negava a sua origem e desejava o porvir, mas com clareza de que ali, naquele novo contexto, ele era um ator que visava interpretar um novo personagem no decorrer do seu próprio processo de criação. Em uma das passagens, ele narra a vergonha que sentiu quando a mãe de Elena perguntou se ele fumava. As suas roupas e o seu corpo traziam o cheiro de casa, de todos os cigarros consumidos por sua família durante o final de semana. Ele respondeu que não fumava,

mas que seus pais sim. Por isso, como fumavam em casa, o odor do tabaco dominava todo o ambiente. A mãe de Elena indaga se eles fumavam perto das crianças; ele responde que sim e ela demonstra reprovação direta a estes atos. E.L sente-se envergonhado e tem-se aí uma das passagens nas quais ele deseja apagar completamente todos os vestígios da sua família de origem. O curioso é que Elena fumava. Ainda que o fizesse escondido, com o próprio E.L., à noite, em seu quarto, ela fumava. Não há, no relato, nenhuma menção a isso, ainda que seja difícil imaginar que a mãe de Helena nunca tenha sentido os odores do tabaco em sua própria casa. É lógico que a pergunta feita a E.L. poderia ser um teste, para saber se ele estava fumando em sua casa. Talvez ela já tivesse sentido o cheiro e estivesse investigando, mas nesse caso estamos apenas elucubrando. O que a narrativa apresenta é um E.L. humilhado e cada vez mais revoltado e distante da sua família. Interessava-lhe arrancar todos os vestígios da sua socialização, inclusive os odores trazidos pelos hábitos dos pais. Nota-se também que o caso específico do consumo do tabaco é curioso porque, em certo grau, é uma negação de um modelo cultural francês posto que é notório que a França é um dos países europeus com o maior consumo de tabaco, mas pode haver algum recorte de classe neste consumo.

Aos poucos E.L estabelece ligações amistosas e de afinidades artísticas, que vão lhe render frutos progressivos. Louis percebe nas novas engrenagens sociais, instrumentos e ferramentas para fugir ao destino do pai, oriundo da classe operária, e de uma família pobre na qual rondava a fome, o alcoolismo, a violência, o machismo e a miséria.

Além do mais, mergulhado em relações homofóbicas, sentia-se atraído por meninos e era agredido por colegas com evitações, recriminações e duras palavras. Na família buscava esconder sua atração pelo mesmo sexo e driblar a desconfiança de seus pais assim como a violência paterna. Na escola, em um primeiro momento, inclusive na relação que desenvolveu com Elena, negava a homossexualidade e houve momentos nos quais chegou a ser homofóbico.

Ironicamente, os insultos e humilhações sofridos lhe deram ânimo para forjar a própria libertação. Como estamos apontando, ele decidiu passar por mudanças diversas, algumas radicais, para fugir das humilhações, o que, em certa medida, legitima os acusadores. Exceção feita às questões relacionadas à homossexualidade. Neste aspecto de sua vida, o que era constrangimento e resignação torna-se objeto de luta e reconfiguração de si.

A escola em Amiens onde encontrou Elena oferecia uma formação educacional (Rocha; Tosta, 2009; Rocha, 2011) e artística e foi o solo fértil a partir do qual E. L. seguiu com a sua metamorfose. Ele seguiu estudando e realizando teatro

e frequentou bibliotecas. Teve acesso aos livros que a família de Elena possuía e que Nadya - mãe de Elena - repassava para ele, vivendo então uma nova experiência. Conheceu autores e música clássica. Entrou em contato sensorial com livros à sua volta. Além de tudo, como uma mudança mais significativa, passou a reconhecer a importância de estudar e da escola para a pequena burguesia, algo que era inversamente percebido na sua família. Ele passou a incorporar como valor e prática que veio a ser transformadora de seu destino. Além disso, impulsionado por Elena, veio a trabalhar num centro cultural e frequentar teatros.

Aos 17 anos assistiu na Universidade em Amiens a palestra de Didier Éribon com quem se identificou intensamente e iniciou uma relação de “invenção de si mesmo”, segundo ele, claramente incentivada por Didier Eribon de diversas formas. Em seu relato, Eribon aparece de forma complexa. Era alguém a que E.L. admirava e invejava intensamente; ao mesmo tempo, consolidou-se como um amigo, confidente e protetor.

O encontro com Eribon foi o início de outra mudança radical. E.L. decidiu que precisava sair de Amiens, o que significava também romper com Elena e a sua família. Seu destino era Paris, com seu cosmopolitismo, sua cultura burguesa e as suas instituições universitárias prestigiosas e altamente seletivas. Esta mudança não foi vivida de maneira tão simples quanto a primeira. Ao sair de casa para Amiens, E.L. sequer cogitou a possibilidade de não o fazer. Já a saída de Amiens foi um tanto dolorosa, principalmente por envolver o afastamento de Elena, da sua família e de tudo o que ela representava.

O encontro com Didier Eribon, autor de “Retorno a Reims” gera afinidades intelectuais que serão fundamentais para seu processo criativo e estilo de literatura. Talvez possamos considerar sua literatura como uma “ficção” (Geertz, p.25, 26. 1973) etnográfica, no sentido de “algo construído”, “algo modelado” - o sentido original de ficção não que sejam falsas ou não factuais”. Ao mesmo tempo, além de ser uma literatura de caráter sociológico, é um “manifesto político” segundo o próprio Louis ou como muitos classificam uma autoficção, um misto de autobiografia, memória e ficção. Enquanto “autobiografia”, sua escrita teria o efeito de “autorizar” as pessoas a dizerem “eu” e a falarem de si mesmos. Todos esses encontros contribuíram para que E. L. como “por milagre” entrasse na École Normale Supérieure. Um grande salto e rito de passagem para o mundo intelectual que lhe exigiu esforços e solidariedade de Eribon e amigos, assim como um desprendimento pessoal que envolve assumir posturas relacionadas à sua própria sobrevivência, como comer uma única vez por dia e trabalhar como garoto de programa para garantir minimamente a sua estadia em Paris.

Em pouco mais de 20 anos, E.L. deixou de usar o nome e de ser Eddy Bellegueule, identidade que ficou soterrada, fez cirurgias plásticas, transformou gestos, lingua-

gens verbais e corporais que o colocaram em outra classe social. Passou a frequentar meios burgueses, intelectuais e salões sofisticados da alta burguesia e da elite social. Inventou uma carreira de sucesso internacional. Seu novo batismo é curioso porque embora tenha trocado formalmente de nome, ele aciona “Eddy Bellegueule” a todo o tempo para falar do que ele, E.L, deixou de ser. Em certa medida, “os dois” estão interligados para todo o sempre posto que Eddy Bellegueule é um dos principais alicerces da vida profissional de E.L. Sem ele, e sem a sua morte, não haveria Louis Em termos simbólicos, o nascimento de Louis dependeu de um parto no qual o parturiente morreu, mas ainda assim caminha permanentemente com os vivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa visão ampliada da trajetória de E.L. vemos dois momentos. No primeiro -dos livros- ele buscava a metamorfose. No segundo, já metamorfoseado, ele crítica a própria classe que vislumbrou pertencer, o que nos sugere algumas contradições no caminho, importantes para uma perspectiva mais complexa sobre a trajetória e as metamorfoses de E.L. Desta forma, é possível afirmar que a sua obra é literatura e como o próprio autor declara é também “um manifesto político”. Há, em seus textos, o uso reiterado e simbólico do termo “metamorfose”. As associações de ideias nos levaram ao encontro do livro Projeto e Metamorfose (Velho, 2003), onde o autor cita Ovídio e usa a palavra como noção. E. L. construiu uma carreira educacional e profissional repleta de intencionalidades, todas elas pautadas por leituras de si e do mundo que negavam de forma radical as formas de socialização e a cultura das camadas populares na França, ao passo que referendava tudo o que o próprio E. L. classificava como típico da burguesia francesa, da qual ele desejava se aproximar. Já metamorfoseado, ele relê a sua própria história e, em certa medida, faz as pazes com as guerras de travou no decorrer da sua fuga de si mesmo, de sua família e das suas origens sociais, apresentando tensionamentos internos ligados à relativização das culpas que ele atribuiu a indivíduos - como seu pai, sua mãe e seu irmão - relacionadas aos sofrimentos por ele experimentados desde a mais tenra infância.

E.L. revela, com a sua literatura militante, um intrincado sistema vivido por alguém que lê o mundo e decide tomar as rédeas do seu próprio destino, construindo-se como pessoa em oposição direta à pessoa que ele “deveria ser”, considerando o seu destino social. Há uma gramática de sentimentos que atravessa todas as suas ações, que faz com que o autor se revele como alguém que, já adulto, não pertence a nenhum lugar. Ele não é mais um menino pobre de uma cidade interiorana na França, e não é um adulto burguês parisiense. Aparece, portanto, mergulhado em águas torrenciais e diferentes, diluído em trânsitos e fluxos nos quais configura identidades transitórias que

demandam performances permanentes ligadas ao indivíduo que ele deseja ser.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FIGUEIREDO, Janaína P. Amado Batista de; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191.
- ERIBON, Didier. **Retorno a Reims**. Belo Horizonte. [Editora Âyiné](#), 2024.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1974.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Mathias Lambert. 1. ed. Rio de Janeiro: Sabotagem, 2004.
- LOUIS, Édouard. **Lutas e metamorfoses de uma mulher**. Trad. Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2023.
- LOUIS, Édouard. **Monique se liberta**. Trad. Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.
- LOUIS, Édouard. **Mudar: Método**. Trad. Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2024.
- LOUIS, Édouard. **Quem Matou meu pai**. Trad. Marília Scalzo. São Paulo: Todavia, 2023.
- MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. Trad. Luiz João Gaio e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Levi-Strauss. Trad. Lamberto Puccinelli. São Paulo: EPU, v. 1, 1974.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- ROSISTOLATO, R. P. R. Choice and access to the best schools of Rio de Janeiro: a rite of passage. **Vibrant** (Florianópolis), v. 12, p. 380-416, 2015.
- [ROSISTOLATO, R. P. R.](#); PIRES DO PRADO, A. P.; [KOSLINSKI, M. C.](#) ; CARVALHO, J. T. MOREIRA, A. M. . Dinâmicas de matrícula em escolas públicas na cidade do Rio de Janeiro. **Pró-Posições** (UNICAMP. Impresso), v. 27, p. 237-261, 2016.
- [ROSISTOLATO, R. P. R.](#); PIRES DO PRADO, A. P.; CERDEIRA, Diana Gomes da Silva . Burocracia escolar e reprodução de estigmas sobre os estudantes e suas famílias. **Pró-posições** (UNICAMP. ONLINE), v. 34, p. 01-31, 2023.
- ROCHA, Gilmar. **Mauss & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- [ROCHA, Gilmar](#); TOSTA, Sandra. **Antropologia & Educação**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 159p
- VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Antropologia

11. Petrópolis: Vozes, 1977.

VELHO, Gilberto. ***Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea***. 5.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

VELHO, Gilberto. ***Projeto e metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas***. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WAGNER, Roy. ***A invenção da cultura***. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WILLIS, Paul. **Learning to Labor: How Working Class Kids Get Working Class Jobs**. Stanley Aronowitz (Introduction), Columbia University Press, 1977.